

EXÚ, VOZ E ENCRUZILHADA: a oralidade como saber-pedagógico nos Terreiros

Vagner Felix da Silva²⁸

Indira Inda²⁹

Bruno Cardoso de Menezes Bahia³⁰

Resumo

Este trabalho propõe refletir sobre a oralidade como prática pedagógica. Inspirado nas epistemologias contracoloniais e nas práticas de cuidado e transmissão de saberes que atravessam as Comunidades Tradicionais de Terreiro, o estudo se ancora na figura de Exú, orixá da comunicação, das encruzilhadas e do movimento. A oralidade, nesse contexto, não é apenas método, mas princípio fundante de uma pedagogia que afirma a vida, a ancestralidade e a memória coletiva. Nossa escrita está situada no campo das epistemologias do Sul, especialmente a partir do pensamento de autores como, Muniz Sodré, Sueli Carneiro, Hampâté Bâ e Antônio Bispo, em diálogo com a tradição oral afro-brasileira que constitui os terreiros como espaços de formação integral. A oralidade aqui é compreendida como um campo de disputa simbólica e política frente à hegemonia da escrita e da racionalidade ocidental. Trata-se de reconhecer que a fala, o gesto, o silêncio e o corpo são também arquivos e mecanismos de conhecimento, e que o ensino que se dá na gira, na cozinha, no toque do tambor e nos cantos carrega pedagogias milenares, enraizadas na diáspora e na resistência. Este trabalho, portanto, propõe deslocar o olhar sobre a educação ao reconhecer a potência educativa das comunidades de terreiro, suas cosmologias e seus modos de *ensinaraprender*. Reivindicando o lugar das epistemologias negras e de matrizes africanas no debate acadêmico e educacional, reafirmando que Exu não é apenas o mensageiro, mas também o caminho.

²⁸ Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEDUC/UFRJ). Rio de Janeiro, Brasil. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0259228783151182>. E-mail: axeavagnersilva@gmail.com

²⁹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEDUC/UFRJ). Rio de Janeiro, Brasil. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3528842018127346>. E-mail: indirainda@ufrj.br

³⁰ Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atualmente é professor Adjunto lotado no Departamento de Teoria e Planejamento de Ensino, Instituto de Educação, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Educação Agrícola (PPGEA/UFRJ) e professor Permanente no Programa de Pós-Graduação em Educação, Contextos Contemporâneos e Demandas Populares (PPGEDUC/UFRJ) Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0728241677912831>. E-mail: brunobahia@ufrj.br

Palavras-chave: Oralidade; Comunidades Tradicionais de Terreiro; Exú; Epistemologias contracoloniais; Educação e ancestralidade.

EXU, VOICE, AND CROSSROADS: Orality as Pedagogical Knowledge in Afro-Brazilian Terreiros

Abstract:

This paper proposes a reflection on orality as a pedagogical tool. Inspired by counter-colonial epistemologies and the practices of care and knowledge transmission present in Traditional Terreiro Communities, the study is grounded in the figure of Exu, the orixá of communication, crossroads, and movement. In this context, orality is not merely a method, but a founding principle of a pedagogy that affirms life, ancestry, and collective memory. Our writing is situated within the field of Southern epistemologies, particularly through the thinking of authors such as Muniz Sodré, Sueli Carneiro, Hampâté Bâ, and Antônio Bispo, in dialogue with the Afro-Brazilian oral tradition that shapes terreiros as spaces of holistic formation. Orality here is understood as a field of symbolic and political dispute against the hegemony of writing and Western rationality. It involves recognizing that speech, gesture, silence, and the body are also archives and mechanisms of knowledge, and that the teachings found in the *gira* (ritual circle), in the kitchen, in the beat of the drum, and in songs carry ancient pedagogies rooted in diaspora and resistance. This work, therefore, seeks to shift the gaze on education by recognizing the educational power of terreiro communities, their cosmologies, and their modes of teaching-learning. It claims the place of Black and African-based epistemologies within academic and educational debates, reaffirming that Exu is not only the messenger, but also the path.

Keywords: Orality; Traditional Terreiro Communities; Exú; Counter-colonial epistemologies; Education and ancestry.

EXÚ, VOZ Y ENCRUCIJADA: La oralidad como saber pedagógico en los terreiros afrobrasileños

Resumen

Este trabajo propone reflexionar sobre la oralidad como herramienta pedagógica. Inspirado en las epistemologías contracoloniales y en las prácticas de cuidado y transmisión de saberes que atraviesan las Comunidades Tradicionales de Terreiro, el estudio se basa en la figura de Exu, orixá de la comunicación, las encrucijadas

y el movimiento. En este contexto, la oralidad no es solo un método, sino un principio fundacional de una pedagogía que afirma la vida, la ancestralidad y la memoria colectiva. Nuestra escritura se sitúa en el campo de las epistemologías del Sur, especialmente a partir del pensamiento de autores como Muniz Sodré, Sueli Carneiro, Hampâté Bâ y Antônio Bispo, en diálogo con la tradición oral afrobrasileña que constituye a los terreiros como espacios de formación integral. La oralidad aquí se comprende como un campo de disputa simbólica y política frente a la hegemonía de la escritura y de la racionalidad occidental. Se trata de reconocer que la palabra, el gesto, el silencio y el cuerpo también son archivos y mecanismos de conocimiento, y que la enseñanza que ocurre en la *gira*, en la cocina, en el toque del tambor y en los cantos, contiene pedagogías milenarias, enraizadas en la diáspora y en la resistencia. Este trabajo, por lo tanto, propone desplazar la mirada sobre la educación al reconocer la potencia educativa de las comunidades de terreiro, sus cosmologías y sus modos de enseñar-aprender. Reivindica el lugar de las epistemologías negras y de matriz africana en el debate académico y educativo, reafirmando que Exu no es solo el mensajero, sino también el camino.

Palabras clave: Oralidad; Comunidades Tradicionales de Terreiro; Exu; Epistemologías contracoloniales; Educación y ancestralidad.

A PEDRA FOI LANÇADA: EXÚ E O INÍCIO DA TRAVESSIA

A ideia para o desenvolvimento desse trabalho surgiu do encontro entre dois alunos-pesquisadores que dividem inquietações aproximadas a partir de suas vivências com as comunidades de terreiro. Nossas trajetórias percorrem caminhos diferentes, entretanto estamos na mesma margem de um rio, guiados pelas mesmas águas: as Comunidades Tradicionais de Terreiro e sua relação com a Educação.

Nas múltiplas possibilidades de encontro, eis que nossas encruzilhadas nos fizeram compartilhar essas mesmas pertencas: a educação e as religiões de matriz africana. Somos filhos de axé e profissionais da educação que vivenciam as práticas pedagógicas fomentadas pelo terreiro e partimos desse lugar para falar de nós e com os nossos. Confluindo como a circularidade das rodas durante os xirês³¹, circulando os saberes, os conhecimentos e a afetividade por esses caminhos. Dessa maneira, nossa escrita está alicerçada nos aprendizados

³¹ Rituais com cantos e danças em celebração aos orixás.

ancestrais afro-brasileiros contidos nas casas de axé e nos estudos acadêmicos que, de alguma forma, conseguem dialogar com esse campo epistemológico.

Propomos, assim, analisar de que modo a tradição oral presente nas religiões afro-brasileiras, projeta-se como instrumento pedagógico capaz de fomentar processos de ensino-aprendizagens que discursam a favor da vida e colocam em questionamento a centralidade hegemônica do modelo educacional cartesiano de herança jesuítica. As contribuições de Antônio Bispo dos Santos³² (2023) e Hampâté Bâ (2010), nos fazem refletir que a oralidade é capaz de empreender movimentos que contribuem para a realização de uma educação que tem como mote a emancipação dos sujeitos e a contracolonialidade.

Para as Comunidades Tradicionais de Terreiro, a oralidade é fundamento, é a grande responsável pela estruturação dos saberes ancestrais e caminho pelo qual se desenvolvem as organizações litúrgicas, sociais e culturais de herança africana em diáspora. Ou seja, a palavra (falada ou cantada) no contexto de uma educação nos terreiros ganha força e possibilita o acesso a modos de *aprenderensinar* (CAPUTO, 2018) que, sob a lógica colonialista, não faz nenhum sentido.

Para nos aventurarmos nessa escrita, buscamos na figura de Exú a compreensão e a valorização das sabedorias contidas nos terreiros e suas potencialidades no que diz respeito à educação. Afinal, ele é o grande comunicador entre os deuses e os homens, o senhor que tem sempre a palavra afiada. Quem melhor para nos apresentar a oralidade como ferramenta que propicia outras formas pedagógicas de ensinar, aprender e resistir?

Assim, ofertamos nosso padê³³, de forma simbólica, como fazem os terreiros antes de qualquer cerimônia, ao senhor da encruzilhada e pedimos licença para que nossa escrita seja compreendida durante esse trabalho. Nosso ebó³⁴ foi ofertado, nossa gira³⁵ foi aberta! A pedra foi lançada: Mojubá Exú, Laroiê!

³² De agora em diante todas as vezes que citarmos esse intelectual quilombola, utilizaremos a forma popular como esse mestre e camarada era carinhosamente chamado: Nego Bispo.

³³ Alimento preparado com azeite de dendê e farinha de mandioca muito apreciado por Exú.

³⁴ Oferenda.

³⁵ O mesmo que xirê.

Há um ditado iorubá que diz o seguinte: “Exú matou um pássaro ontem com uma pedra que só atirou hoje”. Nossos mais velhos dizem que esse ensinamento mítico-ancestral está ligado à temporalidade desse orixá, sendo ele próprio o passado, o presente e o futuro. Ou seja, Exú é o espiral de infinitas possibilidades e isso faz com que ele rompa a noção de tempo-espço que conhecemos, colocando-se onde e quando quiser. Fazendo com que as definições colonialistas sobre sua figura sejam todas desatadas, pois essas não dão conta da sua magnitude.

Partindo dessa encruzilhada, compreendemos que Exú nos evoca a olhar para o passado (ontem) na tentativa de fazer os devidos acertos, recuperando na ancestralidade epistemologias que o processo colonial tentou apagar. A pedra que Exú lança no presente (hoje) nos convida a realizar estratégias insurgentes para que os caminhos atuais sejam reinventados. Dito isso, a partir dessa máxima de Exú voltamos ao ontem para que consigamos compreender que a oralidade é uma ferramenta, uma pedra ancestral que pode ser mirada e acertar em cheio o modelo pedagógico que, mesmo após a promulgação da lei 10.639/2003, insiste em deslegitimar os percursos educacionais que não se baseiam na cultura branca-cristã-europeia.

Esse estudo, portanto, propõe evidenciar como as epistemologias de terreiro desafiam a colonialidade dos saberes e abrem caminhos para a construção do conhecimento. Ao centrar a oralidade como tecnologia ancestral de ensino, reafirmamos a importância das narrativas orais e das práticas comunitárias como formas legítimas de produção e transmissão dos saberes. Assim, ao evocarmos Exú, pedimos a ele o reconhecimento da educação contracolonial e o resgate de epistemologias ancestrais que historicamente foram silenciadas.

ENTRE TRAVESSIA, MEMÓRIA E INSURGÊNCIA: VOZES E CORPOS QUE PERSISTEM

Na costa do Benin, na África, localização de inúmeros portos escravagistas, conta-se que havia a realização de um ritual antes dos escravizados embarcarem. Ele consistia em fazer com que esses indivíduos dessem voltas em torno de uma grande árvore, acreditando que assim eles esqueceriam suas

origens, suas memórias e suas identidades. Não bastasse todo processo de desterritorialização, era preciso destituir todo e qualquer vestígio de pertencimento desses seres humanos para com sua terra-mãe.

Rememoramos esse episódio, que ficou conhecido como a Árvore do Esquecimento, para que tenhamos a dimensão de toda arquitetura executada pela máquina colonial com a finalidade de fazer com que sujeitos escravizados, forçados a uma travessia desumana, tivessem seu direito à memória apagado. Nego Bispo (2023), realiza uma comparação entre a colonização e o processo de adestramento. Segundo ele, ambos são constituídos por rituais semelhantes como: dominação, distanciamento dos modos e práticas de vidas e imposição de uma outra realidade. Ou seja, o processo de dominação colonialista tem como finalidade a negação das origens dos povos e seres humanos colonizados.

Deram-lhes novos nomes, tiram-lhes a liberdade, mas não contavam que em seus corpos estavam resguardadas tecnologias ancestrais capazes de resistir e se reconstruírem nas bandas do outro lado do Atlântico. Mesmo diante de todo horror provocado pelas múltiplas formas de violências, o anseio pela vida manteve acesa as sabedorias e estratégias que desafiavam o poder vigente, permitindo a elaboração de práticas capazes de fixar seus ritos e promover a resistência. Dentre os muitos movimentos e organizações realizados pelos africanos e afrodescendentes no Novo Mundo, destacam-se as Comunidades Tradicionais de Terreiro responsáveis por promover “formas de associativismo negro com capacidade de mobilização” (PARÉS, 2019, p.283).

Sobre o processo de surgimento dos terreiros e as reelaborações das práticas socioculturais em terras pindorâmicas, trazemos as contribuições dos professores Luiz Antônio Simas e Luiz Rufino (2018) que utilizam um mito atribuído a Elegbara³⁶ para exemplificar esses movimentos. Segundo o itan³⁷ em questão, Exú teve seu corpo segmentado pelo próprio pai e cada parte arrancada de si tornou-se uma Yangí³⁸, possibilitando o nascimento de outra vida. Assim como Elegbara, povos africanos tiveram suas existências desmembradas pelo tráfico de seres humanos e foi preciso ressignificar as formas de existir e estar

³⁶ Um dos títulos atribuído ao orixá Exú.

³⁷ Relatos míticos-ancestrais.

³⁸ Lê-se Yangui. Espécie de pedra que representa o próprio orixá Exú.

no mundo. E o terreiro é resultado dessa reorganização a partir da noção de pertencimento, da reconstrução dos laços familiares e das identidades.

A diáspora africana é como *Yangí*, um fenômeno de despedaçamento e de invenção. Cada fragmento dos saberes, das memórias e dos espíritos negro-africanos que por aqui baixam são pedaços de um corpo maior que mesmo recortado se coloca de pé e segue seu caminho dinamizando a vida. (SIMAS; RUFINO, 2018, p.12)

As comunidades de terreiro resguardam grande parte da herança social e cultural africana e afro-brasileira (BARROS, 2009) e, por isso, extrapolam o campo litúrgico, constituem-se como espaços políticos, educativos e civilizatórios. Sua existência, por si só, é um gesto contracolonial, pois opera e existe a partir de mecanismos não coloniais que subvertem a ordem e a dinâmica instaurada pela lógica eurocentrada do apagamento e da exclusão (BISPO, 2023). Entre os diversos elementos ressignificados nesses espaços, o processo de ensino-aprendizagem destaca-se por atuar na contramão da pedagogia da desumanização, ao promover valores morais, sociais e educativos por meio das vivências

O modo como as comunidades de terreiro transmite conhecimentos e filosofias desafiam a imposição da escrita em livros, cálculos e cadernos como forma única e legítima dos saberes. A tradição oral preservada nos ritos, cantigas, narrativas míticas e ensinamentos cotidianos, constitui um repertório pedagógico que se ancora na circularidade, na coletividade e na afetividade. Essa lógica se contrapõe ao modelo ocidental hegemônico de ensino, que privilegia a fragmentação e a hierarquia. No livro *Pedagogia do Axé*, o Babalorixá Adailton Moreira Costa (2024) afirma o seguinte:

“O saber não ocupa espaço!”, sempre dizemos. E vamos além do que as mentes obtusas da colonialidade se propõe: casa de Candomblé é uma faculdade que não dá diploma! O aprendizado é infinito. Estamos em uma eterna formação - ritual, política, econômica, filosófica, cultural e, acima de tudo, comunal. Não existe saber que não tenha sido ensinado, aprendido e apreendido por quem vivenciou e por quem se propôs a vivenciar os núcleos de ensinamentos sobre o que é uma comunidade de terreiro. (p.12)

O terreiro educa nossa gente. É um espaço de convívio e formação, onde as crianças aprendem o respeito aos seus mais velhos, sabem o porquê de ritos e tradições, precisam observar, escutar, manusear, entendem o uso das plantas, dos animais, da água e sobretudo a função essencial à vida através desses elementos. Não existe axé sem folha e sem água, o que demonstra o poder educacional que existe no espaço sagrado que não vem escrito em livros e códigos.

O cuidado com as forças da natureza, a vivência coletiva e a partilha, constituem fundamentos plantados dentro de todas as Comunidades Tradicionais de Terreiro. Durante os estudos realizados pela professora Stela Caputo (2012), foi possível observar que os movimentos pedagógicos presentes nos terreiros estão em desacordo com a norma colonialista vigente, pois há uma teia de saberes que educa a partir e para a diversidade, promovendo uma horizontalidade do saber entre os sujeitos naquele espaço.

Na religião, é possível que uma criança, segundo as hierarquias, seja mais velha que um adulto. Em algum momento, ela pode ensinar algo a alguém com idade biológica superior. Como afirma Caputo (2020, p.387), “não há uma barreira para ensinar e aprender que separe as crianças dos adultos em terreiros”, e ali, naquele local, a criança é respeitada e valorizada nos seus saberes, algo que, comumente não acontece nas escolas.

Helena Theodoro (2024), complementa essa crítica ao modelo escolar:

Na escola brasileira, cria-se um tipo de leitura que é, simplesmente, o reconhecimento das letras, é uma leitura interpretativa voltada para o que o outro disse que aquilo é, em que você começa recebendo um conceito e depois aplica esse conceito à realidade. Na nossa tradição, a gente vive primeiro e, depois das vivências, a gente chega ao conceito. Porque o conceito é resultado das vivências que você teve. O que a gente tem no mundo judaico-cristão é que primeiro você diz o que precisa fazer, e não observa o que é feito (Theodoro, 2024, p. 169).

Dessa forma, as Comunidades Tradicionais de Terreiro configuram-se como territórios educativos que tensionam a lógica ocidental moderna-colonial, sustentando formas próprias de socialização, aprendizagem e transmissão de conhecimentos, onde a oralidade opera como tecnologia epistêmica que

reescreve a memória coletiva e reorganiza os vínculos sociais numa pedagogia viva, plural e encarnada. Assim, os terreiros não apenas preservam saberes ancestrais, mas propõem uma pedagogia que interpela os paradigmas hegemônicos, reivindicando o reconhecimento das epistemologias negras como fundamentos legítimos de existência e formação.

ORALIDADE VIVA, CONTRACOLONIALIDADE ATIVA: SABERES QUE DESAFIAM O COLONIALISMO

O processo de colonização produziu muitas formas de dominar e doutrinar os indivíduos que viviam sob seu regime na condição de escravizados. A utilização da violência sem dúvida é a que mais ganha evidência ao estudarmos esse período, entretanto outras formas de controle também foram utilizadas para que o objetivo fosse alcançado. O professor Muniz Sodré (2012) destaca que a dominação cultural e epistêmica exercida pela razão dominante também são ferramentas eficazes que nem sempre necessitam da força física para se instalarem. Ou seja, mesmo após os processos de descolonização política, ações colonialistas continuam controlando os corpos e mentes deslegitimando outras possibilidades de existências.

A colonialidade dos saberes se expressa na formação histórica das instituições brasileiras de ensino, que reproduzem epistemologias eurocêntricas e invisibilizam as matrizes africanas e ameríndias de conhecimento. Como argumenta Aníbal Quijano (2005), a colonialidade se perpetua mesmo após o fim do colonialismo formal, sustentando-se em hierarquias raciais, econômicas, religiosas e epistêmicas. Esse processo implica na desvalorização e ocultação das epistemologias africanas e indígenas, reforçando uma lógica monocultural e excludente no campo educacional.

Nesse sentido, a concepção do que é considerado conhecimento está intrinsecamente ligado aos conceitos ocidentais, colocando a Europa como centro da civilidade e da ciência, o que por sua vez cria projetos de subalternização e marginalização de outros saberes. Seguindo esse pensamento a tradição oral é vista como uma conduta atrasada e incapaz de produzir experiências, não encontrando espaços nas estantes da colonialidade.

Entretanto, na outra margem do rio, nos Terreiros, ela configura-se como um grande emaranhado de outras alternativas que propiciam novos caminhos. Segundo Vansina (2010, p.140), “a oralidade é uma atitude diante da realidade e não a ausência de uma habilidade”, ou seja, podemos compreendê-la como sistema de comunicação completo e tão complexo quanto a escrita para a modernidade. Sua estrutura cria e recria rupturas diante da realidade pensada e executada pela herança colonial. Assim, a oralidade, contida nos itans, nas cantigas, *àdúràs*³⁹ e *oríkìs*⁴⁰ legitima saberes, aprendizagem e processos identitários.

Nas casas de religiões afro-brasileiras, os mais velhos são os responsáveis por conduzir os ensinamentos dos mais novos (esses podem ser crianças ou os recém iniciados na religião). Esse processo é realizado de maneira natural, nas práticas do dia-a-dia por meio da observação e da repetição. Aos mais velhos são destinadas funções importantes naquela sociedade e são sempre convocados quando necessitam dos seus conselhos e sabedoria para que algum impasse seja resolvido. Porém isso não os coloca num lugar de superioridade em relação aos mais novos e as crianças, por exemplo. Afinal, a forma de *ensinaraprender* nos Terreiros compreende uma metodologia e entendimento do ser humano como parte do sagrado e importante para construção do espaço, seja ele criança, adolescente, adulto ou idoso.

Essa metodologia ancestral, presente nos processos educativos africanos em contexto diaspórico, sobrevive e se atualiza nos terreiros. Como ensina Amadou Hampâté Bâ (2010) os aprendizados de determinados ofícios essenciais para a manutenção da comunidade aconteciam a partir da transmissão das experiências vividas pelos mais velhos. Não havia o auxílio da escrita, eram as práticas cotidianas e a oralidade as responsáveis pela educação dos mais novos. “Somente por meio de um sujeito que fala (ensina) e outro sujeito que escuta e observa (aprende) que as tradições se mantinham vivas” (M. BARBOSA; E. BARBOSA; VASCONCELOS, 2021, p. 5).

Dessa maneira, a oralidade constitui umas das principais ferramentas pedagógicas na educação realizada nos Terreiros. Ela é responsável por propiciar

³⁹ Rezas aos orixás.

⁴⁰ Rezas cantadas aos orixás.

espaços de diálogos e abrir caminhos para a realização de um *ensinaraprender* de forma horizontal. É por meio da palavra (falada e não escrita) que novos saberes vão sendo construídos, novas imagens do mundo vão sendo tecidas. Uma outra forma de educar nasce a partir da palavra, ela dinamiza a capacidade do indivíduo no processo de aprendizagem e se apresenta como instrumento que não cabe nos enquadramentos colonialistas.

A tradição oral é a grande escala da vida, e dela recupera e relaciona todos os aspectos. Pode parecer caótica àqueles que não lhe descortinam o segredo e desconcertar a mentalidade cartesiana acostumada a separar tudo em categorias bem definidas. Dentro da tradição oral, na verdade, o espiritual e o material não estão dissociados. Ao passar do esotérico para o exotérico, a tradição oral consegue colocar-se ao alcance dos homens, falar-lhes de acordo com o entendimento humano, revelar-se de acordo com as aptidões humanas. Ela é ao mesmo tempo religião, conhecimento, ciência natural, iniciação à arte, história, divertimento e recreação, uma vez que todo pormenor sempre nos permite remontar à Unidade primordial. (Hampêté Bâ, 2010, p. 169)

A partir da concepção apresentada por Amadou Hampêté Bâ, podemos compreender a oralidade como fonte de força que transforma, e produz vida, e conhecimentos diversos nas Comunidades Tradicionais de Terreiro. A partir dela e por meio dela é que se movimentam os aprendizados e as condutas cotidianas individuais e coletivas.

Diferente do processo educativo que as crianças encontram nas escolas formais, a vivência com sua família-de-santo possibilita, através da oralidade, que outras leituras e outras formas de assimilação dos conteúdos sejam desenvolvidas. Isso faz com que esses sujeitos sejam capazes de construir sua própria noção de identidade, algo que no ensino hegemônico nem sempre é possível.

Na tentativa de apagamento dos saberes construídos pela tradição oral nos terreiros, a escrita se afirma como uma única possibilidade de entendimento do mundo e construção de conhecimento, gerando divisões e classificações entre os sujeitos a partir de nomenclaturas como letrado e não-letrado. Mas devemos lembrar que saber as instruções da cartilha colonial não é maior do que o saber orgânico (BISPO 2023), construído na coletividade, tendo a oralidade como fio

condutor. É possível não saber ler a cartilha produzida pelo colonialismo e ainda sim ser letrado pelas leituras do mundo (FREIRE, 2023). Será que o outro também é capaz de ser letrado a partir da que cantamos, rezamos e compartilhamos nos terreiros?

A oralidade produz uma encruzilhada onde os saberes coloniais são postos a prova, são devorados pela boca de Exú e transformados em outras possibilidades. Nas encruzilhadas, morada de Exú, criadas pela oralidade, emergiu uma pedagogia da circularidade, da afetividade e do resgate coletivos de outras formas de *aprenderensinar*. No cruzo entre a fala e a escrita, outras inúmeras perspectivas surgem. As encruzilhadas promovem o desencontro e transformam as ideias coloniais do avesso, fazendo cair por terra a noção de educação que se orienta a partir da manutenção de um poder hegemônico e excludente.

No contexto das Comunidades Tradicionais de Terreiro, a tradição oral emerge como um dispositivo contracolonial e como objeto da resistência epistêmica negra. Sueli Carneiro (2005) introduz a noção de epistemologia da diáspora, destacando que os conhecimentos produzidos por populações negras na diáspora africana são marginalizados por uma estrutura epistêmica eurocentrada que deslegitima suas formas de saber. Para Carneiro, o epistemicídio opera, até hoje, como um mecanismo de exclusão e violência simbólica que nega a existência e a validade dos outros sistemas de conhecimento. Assim, a oralidade nos terreiros não apenas preserva tradições, mas também se impõe como uma ferramenta pedagógica de construção identitária.

A tradição oral não se resume apenas na transmissão de conhecimento e de saberes. Ela evade a ideia que o ocidente alimenta por ensinar, pois através dela há um processo de formação que consiste na confiança entre quem ensina e quem aprende, ao passo que ambos são tomados pela experiência de permitir que um adentre o universo do outro, gerando uma relação de cumplicidade. Afinal, quem está disposto a ensinar não pode de forma alguma partir do pressuposto que outro não detém nenhum conhecimento.

Os terreiros empregam, por meio da oralidade, conhecimentos que serão imprescindíveis para existência e formação do indivíduo em sua totalidade, ou

seja, não são apenas saberes que ficarão restritos ao espaço geográfico daquela comunidade, esses podem e devem ser acessados ao longo da existência fornecendo possibilidades de transformação coletiva. Por isso, evocamos a figura de Exú e sua encruzilhada como potências capazes de aglutinar e amplificar outras formas de processos pedagógicos, fortalecendo a confluência entre os saberes orgânicos contidos nos terreiros e a formação de um modelo de educação comprometido com o antirracismo, com a valorização da cultura popular, com os saberes de nossos mestres e mestras. Uma educação onde haja Exú e sua encruzilhada como potências de reinvenção e reelaboração dos currículos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: A PEDRA QUE FALA, O SABER QUE CAMINHA

Buscou-se a partir desse trabalho, evidenciar que a oralidade, na cosmovisão das Comunidades Tradicionais de Terreiro, estar para além de um mero mecanismo de comunicação. Ela é prática pedagógica calcada nos saberes ancestrais afro-brasileiro, nascida, mantida e partilhada de forma coletiva. A tradição oral é o fundamento que desafia o epistemicídio e propõem outras epistemologias, outros caminhos para o conhecimento.

Realizamos nossa travessia ao lado de Exú, senhor dos movimentos, para que pudéssemos elucidar as potências que a oralidade pode atribuir nos processos de ensino-aprendizagem. Buscamos aferir que a oralidade marca uma outra forma de se inscrever no mundo, uma presença que se faz com os gestos, com o corpo, com a escuta, a observação e com o axé transmitido dos mais velhos para os mais novos. Educar com e na oralidade é promover rupturas com a lógica cartesiana na tentativa de reencantar as formas de *aprenderensinar*.

Como nos ensinou o mestre Nego Bispo (2023), os saberes orgânicos contidos nas comunidades tradicionais não apenas desafiam o colonialismo, eles promovem mudanças do interior para o exterior, ou seja, desconstroem sentidos implementados pelo outro e feito água vai ganhando caminho, subvertendo a lógica e rasurando as certezas. Como citado no corpo deste trabalho, o conhecimento através da oralidade se espalha, se perpetua através de olhos e escutas que educam e são educados.

Partimos da encruzilhada porque gostaríamos de provocar a inversão euro-cristã-ocidental que define quais conhecimentos podem ser ou não legítimos. A encruzilhada propõe uma reorganização dos currículos, dos espaços e dos sentidos de educar, a partir de epistemologias africanas e afro-brasileiras que contracolonizam e florescem no chão das casas de axé.

Ao final da travessia na companhia de Exú e sua pedra, ofertamos algumas indagações: e se o processo de ensino-aprendizagem promovesse mais a escuta sensível em contra partida a tentativa de dominação e alienação? E se, ao invés de excluir, a escola incluísse e compartilhasse com os terreiros seus saberes? Acreditamos que, talvez, assim pudéssemos promover um ambiente de aprendizado em que todos fossem valorizados e respeitados, e não enxergaríamos o outro apenas com as lentes coloniais que nos deram.

Exú matou um pássaro ontem com a pedra que lançou hoje. Que nosso trabalho seja também uma dessas pedras lançadas por ele: que carregue a intenção fincada na encruzilhada das possibilidades de futuros outros, onde os saberes negro-ancestrais sejam caminhos e memórias, apontando que há muitas maneiras de aprender.

Laroiê!

REFERÊNCIAS

BÂ, Amadou Hampâté. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (editor). *História geral da África I: Metodologia e pré-história da África*. – 2.ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010. p. 167-212.

BARBOSA, Madelyne dos Santos; BARBOSA, Eden dos Santos; VASCONCELOS, José Gerando. Memória e oralidade, sementes da educação africana plantadas na diáspora. *Ensino em Perspectivas*, Fortaleza, v. 2, n. 4, p. 1-11, 2021. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/ensinoemperspectivas/>. Acesso em: 14 abril 2025.

BARROS, José Flávio Pessoa de. *O banquete do rei... Olubajé: uma introdução à música sacra afro-brasileira*. Rio de Janeiro: Pallas, 2009.

BISPO DOS SANTOS, Antônio. *A terra dá, a terra quer*. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023.

BRASIL, *Lei nº 10.639, 09 de janeiro de 2003*. Inclui a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira" no currículo oficial da rede de ensino. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 jan. 2003, seção 1, p. 1.

CAPUTO, Stela Guedes. Repara o miúdo, narrar kékeré: notas sobre nossa fotoetnopoética com criança de terreiros. *Revista Teias*. v. 19. n. 53. p. 36-61. Abr./Jun. 2018

CAPUTO, Stela Guedes. Questões sobre gestão, formação e avaliação a respeito do ensino religioso na escola pública do Rio de Janeiro. *Revista da FAAEBA: Educação e Contemporaneidade* [online]. 2012, vol.21, n.38, pp.199-213. ISSN 0104-7043.

CAPUTO, Stela Guedes. "As crianças de terreiros somos nós, as importantes": mais algumas questões sobre os Estudos com Crianças de Terreiros. *Revista Educação e Cultura Contemporânea*, [S. l.], v. 17, n. 48, p. 383-407, 2020. Disponível em: <https://mestradoedoutoradoestacio.periodicoscientificos.com.br/index.php/reeduc/article/view/7603>. Acesso em: 21 mai. 2025.

CARNEIRO, Aparecida Sueli. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. 2005. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005. Acesso em: 25 mar. 2025.

COSTA, Adailton Moreira. Prefácio. In: SOUZA, Renata; DÁRIO, Pai (Orgs.). *Pedagogia do axé: saberes, lutas e resistência dos povos de terreiro*. Rio de Janeiro: Aruanda, 2024. p. 12.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 86 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2023.

PARÉS, Luís Nicolaus. Religiosidades. In: SCHWARCZ, Lília e GOMES, Flávio. *Dicionário da Escravidão e liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 377-383.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. In: QUIJANO, Anibal. *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142.

SIMAS, Luiz Antônio e RUFINO, Luiz. *Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas*. 1 ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

SODRÉ, Muniz. *Reinventando a educação: diversidade, descolonização e redes*. Editora Vozes Limitada, 2012.

THEODORO, Helena. [Sem título]. In: SOUZA, Renata; DÁRIO, Pai (Orgs.). *Pedagogia do axé: saberes, lutas e resistência dos povos de terreiro*. Rio de Janeiro: Aruanda, 2024. p. 169.

VANSINA, J. A tradição oral e sua metodologia. In: KI-ZERBO, Joseph (editor). *História geral da África I: Metodologia e pré-história da África*. – 2.ed. rev. – Brasília: UNESCO, 2010. p. 139-166